

GORDON JENSEN • ANTÓNIO CIRURGIÃO

*Brigham Young University*

*University of Connecticut*

*POESIA PENINSULAR DO SÉCULO XVI:  
O SEU A SEU DONO*



COIMBRA — 1973

II

XI .28

40

GORDON JENSEN • ANTÓNIO CIRURGIÃO

*Brigham Young University*

*University of Connecticut*

*POESIA PENINSULAR DO SÉCULO XVI:  
O SEU A SEU DONO*



COIMBRA — 1973

depositário:

LIVRARIA PORTUGAL

Rua do Carmo, 26

Separata de «Biblos» — XLVII



K 1976 / 3065

Existe no Fundo Geral da Biblioteca Nacional de Lisboa um manuscrito intitulado *Miscelânea. Obras Várias*. É o Ms. 8920. Contém 410 fólios. Tem dois índices: um no princípio, feito provavelmente pelos catalogadores da BNL, e outro no fim, muito mais completo.

Na página que precede o fl. 1r estão escritas estas palavras:

Eu A.<sup>to</sup> P.<sup>ra</sup> de Foyos fidalgo da Casa de Sua Magestade juro pelo habito de Christo de que sou Comendador de não emprestar este livro pelo cazo que me succedeo com hũ am.<sup>o</sup> que mo pedio por vinte e quatro horas.

A pesar do nome do fidalgo estar todo coberto de riscos, parece tratar-se desse nome e não de outro. As três pessoas a quem demos a ler essas palavras do cancionero são todas dessa opinião. De maneira que o dono da colectânea seria António Pereira de Foyos.

Na parte interior da capa, no princípio do manuscrito, encontram-se estas palavras:

Comprado em 3 de Abril de 1914 a D. Angelo Paes.  
D. Angelo Paes era comerciante de antiguidades. Vendeu este vol. à Biblioteca Nacional em 1914. O ex-libris foi arrancado por quem fez a venda para encobrir a proveniência, evidentemente.

Teria também sido a pessoa que fez a venda quem tentou ocultar ao leitor o nome do fidalgo que possuía a preciosa colectânea?

Os fólios do Ms. estão numerados, mas convém notar que o Ms. já teve outra numeração diferente da actual. Assim, por exemplo,

o fl. que hoje tem o número 240 teve antes o número 266, e o que tem hoje o número 314 teve antes o número 320. Manuscrito mutilado? É muito provável. Mas a possível mutilação não obsta a que o seu valor seja considerável, como tentaremos provar nestas breves páginas, que esperamos venham a ser seguidas muito próximamente de outras.

O papel é relativamente uniforme. Note-se, porém, que os fólhos 321 e 322 são de papel mais fino.

Até ao fl. 317v, inclusive, foi usado o mesmo tipo de letra, com uma que outra excepção, como, por exemplo, os fólhos 1v e 2, e os fólhos 36 e 36v, em cuja segunda coluna foi inserida uma letra diferente. A letra usada nos primeiros 317 fls. é muito parecida com a do célebre *Cancioneiro Luís Franco*, também da Biblioteca Nacional de Lisboa (Ms. n.º 4413 to F. G.), como pudemos verificar através de um confronto directo.

Como é sobretudo em vista da data aproximada em que o Ms. foi compilado que fazemos estas observações a respeito do tipo de letra nele contido, queremos esclarecer que no frontespício do *Cancioneiro Luís Franco* se declara ter sido coligido entre 1557 e 1589.

A partir do fl. 318, a letra do Ms. 8920 da BNL é muito diferente da anterior, e é letra de mais de um copista. Entretanto, há um tipo de letra dominante, muito parecido com o tipo de letra usado no *Cancioneiro de Madrid* (Ms.  $\frac{12-26-8}{D 199}$  da Biblioteca da Real Academia de História de Madrid), com o qual fizemos também um confronto, utilizando fotocópias.

Segundo Justo García Soriano, a letra do *Cancioneiro de Madrid* data dos últimos trinta anos do século XVI, época com que as datas de alguns factos históricos referidos no Ms. 8920 da BNL condizem perfeitamente. Foi em vista destes dados que García Soriano situou a compilação do *Cancioneiro de Madrid* entre 1580 e 1595<sup>(1)</sup>.

Em conclusão: o tipo de letra do Ms. 8920 da BNL e as datas de cartas e poemas que aí se encontram autorizam-nos a aventar que a sua compilação deve ter sido feita entre fins da década de 1570 e princípios da década seguinte. A data mais próxima de nós que aí encontramos (não excluimos a hipótese de vir a encontrar outras mais próximas) oscila entre 1578 e 1582, ou seja o ano em que Diogo Bernardes ficou prisioneiro em Alcácer-Quibir e o ano em que já se encontrava

---

(1) «Una antología hispanolusitana del Siglo XVI», *Boletín de la Real Academia Española*, XII (Madrid, 1925), p. 362.

de novo em Portugal (2). E a razão é porque há no cancioneiro duas elegias de Diogo Bernardes, escritas enquanto estava captivo no Norte de África:

- fl. 322: «Egloga de Diogo B.<sup>des</sup> estando Cativo En Africa»  
 Eu ã livre cantey ao som das agoas  
 fl. 324: «Egloga segunda do mesmo D. B.»  
 Sobre hũ alto rochedo En berberia (3).

Que saibamos, este cancioneiro ainda nunca foi estudado. A única alusão que verificámos ter-lhe sido feita encontrámo-la num artigo de Giuseppe Tavani sobre a carta que Sá de Miranda dirigiu ao Cardeal D. Henrique a acompanhar a sua comédia *Estrangeiros e Vilhalpandos*:

Sono almeno due le redazioni della lettera-dedicatoria di cui si ha notizia. La prima, pubblicata da Rodrigues Lapa nella sua ed. delle '*Obras Completas*' di Sá de Miranda (2 voll., Lisbona, 2.<sup>a</sup> ed., 1943), é indirizzata «ao Infante Cardeal Dom Henrique» al quale presenta la commedia *Os Estrangeiros*. La seconda, della quale esistono due copie manoscritte del XVI secolo nella Biblioteca Nacional di Lisbona (Fundo Geral, n.º 8920 — sublinhado nosso), fogli 222v, e 223r... (4)

Arthur Askins, em nota a esta carta de Sá de Miranda, refere-se ao estudo de Giuseppe Tavani e, *indirectamente*, ao Ms. 8920 da BNL (5).

Neste cancioneiro há composições em prosa e em verso, e em três línguas diferentes: espanhol, latim e português, com predomínio absoluto da última língua.

A todos aqueles que não compreendem que se faça qualquer estudo de uma miscelânea poética dos séculos XVI ou XVII senão em função do «grande Camões», desde já declaramos que não há no volumoso manuscrito um só poema atribuído ao autor de *Os Lusíadas*. O que

(2) Marques Braga *apud* Diogo Bernardes, *Obras Completas*, I (Lisboa, Clássicos Sá da Costa, 1945), p. X.

(3) Note-se que estes dois poemas aparecem em *Várias Rimas ao Bom Jesus* como elegias, e não como églogas (Diogo Bernardes, *Obras Completas*. Lisboa, 1945. Vol. III, págs. 146-160).

Ao transcrever títulos de poemas, rubricas, primeiros versos ou poemas inteiros, procuraremos fazer sempre a leitura diplomática, com a excepção do U com valor de V. Nesse caso escreveremos U e não V, para facilitar a leitura.

(4) «I caratteri Nazionali delle Commedie di Sá de Miranda», *Ocidente*, LVIII (1959), p. 303.

(5) *Cancioneiro de Cortes e de Magnates. MS. CXIV/2-2 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora*. Edição e Notas por Arthur Lee-Francis Askins (Berkeley and Los Angeles. University of California Press, 1968), p. 557.

não tira que vários sonetos e algumas redondilhas aí contidos não viessem a ser publicados em seu nome, através dos tempos.

Tendo em conta o grande número de peças, já em prosa já em verso, que a miscelânea contém, temos de concluir que o número de peças anónimas é insignificante. Mas esse número é mais que suficiente para justificar o estudo dos problemas de autoria que o manuscrito levanta.

O autor mais largamente representado no Ms. 8920 da BNL é D. Manuel de Portugal. A grande maioria das poesias que lhe são aí atribuídas não constitui qualquer surpresa quanto à autoria. Algumas delas andavam em seu nome em manuscritos vistos por Manuel de Faria e Sousa e mencionados nos seus comentários às *Rimas Varias* de Camões, publicadas em Lisboa, em 1685. Estão neste caso os sonetos seguintes:

*Ms. 8920 da BNL*

- 43v. Dulces engaños de mis ojos tristes — publicado em 1685;  
 105v. A perfeição a graça o suave geito — publicado em 1598;  
 107v. Ayudame señora a hazer venganza — publicado em 1685.

Primeiro Stork e, depois, D. Carolina Michaelis de Vasconcellos parece terem-se baseado quase exclusivamente nos comentários do tão injustamente caluniado Faria e Sousa, ao inventariar as poesias de D. Manuel de Portugal aparecidas nas edições da lírica de Camões. Só assim se explica que nos comentários de Stork e nos primeiros estudos camonianos de Carolina Michaelis de Vasconcellos, estudos em que ela cita Stork<sup>(6)</sup>, estes três sonetos tenham sido apontados como sendo de D. Manuel de Portugal, ao passo que outros sonetos — também seus — não viriam a ser reconhecidos como dele senão uns anos mais tarde. Assim D. Carolina Michaelis cita o Códice Eborense CXIV/2-2 a propósito de mais dois sonetos que nesse cancionero andam em nome de D. Manuel de Portugal, e que também se encontram no Ms. 8920 da BNL:

- 43v. e 105v. Los ojos ñ con blando movimiento — publicado em 1668 e 1685;  
 106v. No bastava que amor puro ardiente — publicado em 1668 e 1685.

Apesar de D. Carolina Michaelis de Vasconcellos ter citado muitas vezes o Códice Eborense CXIV/2-2, parece que não se deu conta que o soneto «A fermosura desta fresca serra», que aí figura em nome de

---

(6) *Zeitschrift für romanische Philologie*, V (Halle, 1881), p. 126; *Revista da Sociedade de Instrução do Porto* (Porto, 1882), p. 118.

D. Manuel de Portugal — como também no fl. 39v do Ms. 8920 da BNL — tinha sido atribuído a Camões pelo editor da *Terceira Parte das Rimas de Camões*, em 1668.

Diante deste facto, parece lícito perguntar se não terá sido por causa desta omissão de D. Carolina Michaelis de Vasconcellos que o soneto continua a figurar nas edições mais recentes das Rimas de Camões, como a de Hernâni Cidade e a de Costa Pimpão.

Assim como parece lícito perguntar se não terá sido pela mesma razão que Arthur Askins, ao fazer a recente edição do Códice Ebo-rense CXIV/2-2 (7), não menciona tal facto. Tanto mais que Askins — citando sempre os trabalhos de D. Carolina Michaelis — trata do problema de autoria dos outros sonetos que se encontram em situação análoga.

Tendo em consideração o que fica dito e o que vamos dizer em seguida, *votamos* por que, em futuras edições das líricas de Camões, o soneto «A fermosura desta fresca serra» seja excluído.

Em apoio da autoria camonianiana, este soneto só tem a magra honra de ter sido coligido por Álvares da Cunha. E quão precária seja a autoridade de Álvares da Cunha neste ponto não parece difícil de verificar, sobretudo se tivermos em conta o processo seguido por ele na edição da *Terceira Parte das Rimas de Camões*.

Álvares da Cunha coligiu várias poesias de diferentes géneros líricos e mandou-as imprimir pela ordem tradicionalmente seguida na impressão das Rimas de Camões, a partir da primeira edição, que é de 1595: sonetos, canções, sextinas, odes, elegias, poemas em oitava rima, églogas, redondilhas. Já depois de impressa esta primeira parte (que primitivamente seria tudo quanto Álvares da Cunha considerava inéditos de Camões), o editor terá descoberto outros manuscritos e provavelmente uma parte dos comentários de Manuel de Faria e Sousa, senão todos. Certamente os manuscritos encontrados por Álvares da Cunha continham material não incluído nos manuscritos consultados por Faria e Sousa, ao menos pelo que se refere a poesias em nome de Camões. E assim se explica que Álvares da Cunha tenha acrescentado a essa parte já impressa muitos outros poemas. Uma análise inteligente da maneira como as poesias estão distribuídas na *Terceira Parte das Rimas de Camões* não pode indicar outra coisa, como muito bem mostrou Júlio da Costa Pimpão (8).

---

(7) *Vide* nota 5.

(8) Luís de Camões, *Rimas* (Coimbra, 1953), p. XXXIX.

Na edição de Álvares da Cunha há três séries de sonetos. A segunda série é constituída por oito sonetos não numerados. Destes oito sonetos, cujo primeiro verso passamos a transcrever, os últimos quatro encontram-se no Ms. 8920 da BNL. Ei-los pela ordem em que aparecem na *Terceira Parte das Rimas de Camões*:

Horas breves de meu contentamento	— publicado em 1668;
Sustenta meu viver hũa esperança	— publicado em 1668;
Já não sinto, Senhora, os desenganos	— publicado em 1668;
Que pode já fazer minha esperança	— publicado em 1668;

Los ojos que con blando movimiento  
A fermosura desta fresca serra  
Sospechas que en mi triste fantesía  
No bastava que amor puro, y ardiente.

Nenhum destes oito sonetos se encontra na secção dos 66 da Segunda Centúria da edição de Faria e Sousa, secção de que Álvares da Cunha se viria a apoderar depois. Se há provas, como demonstra Costa Pimpão<sup>(9)</sup>, de que Álvares da Cunha utilizou parte dos comentários de Faria e Sousa, porque supormos que não tenha conhecido também mais sonetos do que aqueles 43 que incluiu na terceira secção da *Terceira Parte das Rimas de Camões*? O facto de não tê-los publicado não é prova. A nossa opinião é que Álvares da Cunha conheceu todos os comentários de Faria e Sousa.

Mas, conhecesse ou não Álvares da Cunha as acusações feitas por Faria e Sousa a Diogo Bernardes e outros poetas quinhentistas, a composição do grupo de oito sonetos apresentados acima é de alto interesse por aí se encontrarem quatro sonetos existentes no Ms. 8920 da BNL, também com evidência de terem andado agrupados na colecção ou colecções de que Álvares da Cunha se serviu para os copiar.

Infelizmente, Álvares da Cunha quase nada nos diz das fontes que utilizou para coligir «inéditos» de Camões. Assim como não declara em parte alguma ter conhecido os comentários de Faria e Sousa às *Rimas Varias* de Camões. Pelo que ignoramos o motivo que o levou a incluir na sua edição os poemas que incluiu.

Mas uma coisa é certa: parece muito duvidoso que Álvares da Cunha tenha achado todos estes sonetos em nome de Camões. Faria e Sousa, ao incluir o soneto «Horas breves de meu contentamento», afirma tê-lo visto em nome de Camões. A atribuição a Camões no

---

(9) *Op. Cit.*, p. XXXIX.

*Códice Riccardiano* e no Ms. 693, fl. 44, da Academia das Ciências de Lisboa, só confirma este facto<sup>(10)</sup>. Quanto aos sonetos «Los ojos ã con blando movimento» e «No bastava que amor puro ardiente», Faria e Sousa não faz tal afirmação e, que saibamos, nunca estes dois sonetos, nem nenhum dos outros cinco mencionados acima, foram descobertos nalgum manuscrito em nome de Camões.

A evidência apresentada por Carolina Michaelis de Vasconcellos<sup>(11)</sup> e reiterada por Costa Pimpão de que Álvares da Cunha<sup>(12)</sup> se teria servido dos papéis de Faria e Sousa parece-nos concludente. Se se atentar no facto de que vários dos poemas atribuídos a Camões pela primeira vez por Faria e Sousa aparecem na *Terceira Parte das Rimas de Camões* não só pela mesma ordem, mas com as mesmas rubricas, a conclusão é ainda mais transparente.

Como as poesias assim conhecidas e utilizadas por Álvares da Cunha se encontram antes da inclusão — e presumivelmente antes da impressão — do grupo de oito sonetos referidos atrás, quem nos garante a nós que Álvares da Cunha não seguiu o exemplo de Faria e Sousa ao coligir poesias «inéditas» para a sua edição das *Rimas de Camões*? Se, por exemplo, Álvares da Cunha tivesse visto certos sonetos atribuídos por Faria e Sousa a Camões, porque os não consideraria de Camões, se os achasse anónimos entre os demais? Terá sido assim que o soneto «A frescura desta fresca serra» deu entrada no *corpus* da lírica camoniana, para aí permanecer até nossos dias, e aguardando que o próximo editor das *Rimas de Camões* deixe de incluí-lo, por apócrifo<sup>(13)</sup>.

Em carta datada de 8 de Novembro de 1787, narra o inglês Lord Beckford um encontro que teve com Bocage. Foi num jantar em que

(10) Recentemente, o problema de autoria do bellissimo soneto «Horas breves de meu contentamento» foi estudado por Jorge de Sena, *Os Sonetos de Camões e o Soneto Quinhentista Peninsular* (Lisboa, Portugália Editora, 1969), pp. 95-97, e por António Cirurgião, *Fernão Álvares do Oriente e a sua Lusitânia Transformada* — tese de doutoramento, inédita — (University of Wisconsin, Madison, 1970), pp. 535-536, 531-533.

(11) *Zeitschrift für romanische Philologie*, VII (Halle, 1883), pp. 145-147; e *O Cancioneiro Fernandes Tomás* (Coimbra, 1922), pp. 73-80.

(12) «A lírica camoniana no século xvii», *Brotéria*, XXV (Lisboa, 1942), pp. 14-27.

(13) Os louvores que A. J. da Costa Pimpão dá a Álvares da Cunha e as recriminações que faz ao grande crítico e camonista Manuel de Faria e Sousa (Luís de Camões, *Rimas*. Coimbra, 1953, pág. XXIX), na peugada de Carolina Michaelis de Vasconcellos e companhia, pedem emenda.

participaram também outros poetas. Ao dar-se conta da admiração que Lord Beckford tinha para com ele, Bocage falou assim:

«Eu não esperava que um inglês condescendesse em prestar atenção alguma a um versejador moço, obscuro e moderno. Os senhores pensam que nós não temos nenhum outro poeta, além de Camões, e que Camões não escreveu nada digno de menção senão os *Lusiadas* (sic)... Aqui está um Soneto que vale metade dos *Lusiadas* (sic):

*A formosura d'esta fresca serra,  
E a sombra dos verdes castanheiros,  
O manso caminhar d'estes ribeiros,  
D'onde toda a tristeza se desterra,*

*O rouco som do mar, a estranha terra,  
O esconder do sol pelos outeiros,  
O recolher dos gados derradeiros,  
Das nuves pelo ar a branda guerra.*

*Emfim, tudo o que a rara natureza  
Com tanta variedade nos offerece,  
Me está, se não te vejo, magoando;*

*Sem ti, tudo me enoja e aborrece,  
Sem ti, perpetuamente estão passando  
Nas móres alegrias mór tristeza.*

— Nem uma só imagem da beleza rústica esqueceu ao nosso divino poeta; e com que profundo sentimento ele as transporta da paisagem para o coração! Que fascinadora languidez envolve, como os últimos raios do sol poente, toda esta composição! Se eu sou alguma coisa, *foi este Soneto que me fez o que sou* (sublinhado nosso) (14).

O erro cometido por Álvares da Cunha deu origem a uma injustiça e a uma irónica ilusão: Bocage morreu julgando que devia a sua vocação poética a Camões, quando, na realidade, a devia a D. Manuel de Portugal.

Caso idêntico ao que acabamos de ver para o soneto «A formosura desta fresca serra» passa-se com um outro soneto, também incluído

---

(14) Teófilo Braga, *Recapitulação da História da Literatura Portuguesa* — *Os Arcades* (Porto, Livraria Chardron, 1918), pp. 464-465.

Teria sido nesta obra de Teófilo Braga que Hernâni Cidade colheu a notícia para a nota ao soneto «A formosura desta fresca serra» (Luís de Camões. *Obras Completas*. Lisboa. Clássicos Sá da Costa, 1962. Vol. I, p. 271)? Se o foi, é pena que não tenha indicado a fonte e que não tenha feito uma transcrição fiel.

por Álvares da Cunha no grupo dos oito sonetos da sua edição das Rimas de Camões. Referimo-nos ao soneto «Sospechas que en mi triste fantasia».

Este soneto, atribuído no nosso Cancioneiro a D. Manuel de Portugal, foi considerado de Garcilaso na edição de 1574, feita pelo Brocense, e não na edição de 1543 (a primeira), como afirmou Carolina Michaelis de Vasconcellos.

Keniston, na sua edição crítica das obras de Garcilaso, diz o seguinte a propósito deste soneto:

Soneto XXX. Estos sonetos siguientes (XXX, XXXI, XXXVIII, XXXV, XXXIV, and XXXIII of the present edition), sin otros dos o tres que no me persuado que sean de G. L., por opinion comun i por afirmacion de don Antonio Puertocarrero, su ierno, i la semejanza del estilo, a muchos años que los cuento entre los suyos (H) (15).

As palavras em espanhol foram escritas pelo «divino Herrera», organizador da edição de 1580, em Sevilha. Como se vê, foi baseado na «semejanza del estilo» que Herrera decidiu atribuir este soneto a Garcilaso: «i parece me q̄ ninguno de los ombres que saben, i conoçê la igualdad i la diferencia de las formas de dezir i el numero i naturaleza de los versos, confessaran que son de otro que de G. L.» (16).

Keniston parece ter ignorado que este soneto tinha aparecido na *Terceira Parte das Rimas de Camões*, de 1668, e aí tenha permanecido até à edição das Rimas de Camões de 1932, da autoria de José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira.

É interessante notar que este soneto, XXX, é o único de que Keniston não apresenta variantes, na sua edição crítica das obras de Garcilaso. E porquê esta falta de variantes? Provavelmente porque este soneto, ao contrário do que sucedeu com quase todos os outros de Garcilaso, não anda em manuscritos espanhóis ou hispano-portugueses. Nem figura no Códice Eborense CXIV/2-2, publicado por Askins. Sobre este aspecto, convém acentuar que os outros sonetos em espanhol que se encontram no Ms. 8920 da BNL e no Códice Eborense CXIV/2-2 (vários dos quais deram entrada nas Rimas de Camões em 1668, como já vimos) não andam associados aos grupos de poesias contidos em manuscritos e antologias espanhóis ou luso-espanhóis. Não se encontram, por exemplo, na vasta série de manuscritos da Hispanic Society

(15) *Garcilaso de la Vega. A Critical Study of His Life and Works* (New York, 1922).

(16) *Obras de Garcilaso de la Vega con anotaciones de Fernando de Herrera* (Sevilha, 1580), p. 206.

of America, catalogados por Antonio Rodríguez-Moñino e María Brey Mariño (17), nem no grande número de manuscritos e antologias consultados por José Simón Díaz.

Em vista destes factos, não parece estranho que um soneto de Garcilaso (?) tenha tido a mesma sorte que os sonetos escritos em espanhol por autores portugueses, sendo excluído dos cancioneiros espanhóis e luso-espanhóis? Não seria também este um bom argumento para concluir que o autor deste soneto é D. Manuel de Portugal ou outro poeta português? O argumento é tanto mais relevante quanto são frágeis as razões em que se apoiam os primeiros editores das obras de Garcilaso para lhe atribuírem este soneto: «la semejanza del estilo...».

Segundo parece, Stork foi o primeiro a reclamar contra a autoria camoniana do soneto «Sospechas que en mi triste fantasia». Carolina Michaelis de Vasconcellos fez-se eco do reparo de Stork nos seus estudos em *Zeitschrift für romanische Philologie* e outras revistas (18).

Em conclusão: o soneto «Sospechas que en mi triste fantasia» já foi banido do *corpus* da lírica camoniana. Necessário é que seja banido também do *corpus* da lírica de Garcilaso.

Há algumas elegias no Ms. 8920 da BNL que apresentam um caso paralelo ao dos sonetos estudados atrás. São três essas elegias, e, da mesma maneira que os quatro sonetos, também elas foram publicadas, pela primeira vez, na *Terceira Parte das Rimas de Camões*, numa secção da obra que parece ter sido organizada depois de organizada e impressa a parte anterior. Nesta edição, as elegias seguem-se imediatamente às redondilhas, que dá a impressão de serem as últimas poesias da parte da edição que foi organizada anterior e independentemente de tudo o que vem depois.

Eis os primeiros versos das elegias, pela ordem em que aparecem na *Terceira Parte das Rimas de Camões*:

*Ms. 8920 da BNL:*

- fl. 8: Não porque de algum bem tenha esperança
- fl. 9: Nunca hum apetite mostra o dano
- fl. 8: De peña en peña nuevo las pasadas
- fl. 10: La sierra fatigando de contino

---

(17) *Catálogo de los Manuscritos Poéticos Castellanos Existentes en la Biblioteca de The Hispanic Society of America (siglos XV, XVI, y XVII)* — 3 vols. New York. The Hispanic Society of America Press (1965).

(18) «Investigações sobre sonetos e sonetistas Portugueses e Castelhanos», *Revue Hispanique*, Tome XXII (Paris, 1910), p. 576.

O que foi dito, ao tratarmos do soneto «A fermosura desta fresca serra», quanto às teorias que Álvares da Cunha teria seguido para elaborar a *Terceira Parte das Rimas de Camões*, aplica-se aqui também. Apenas com uma diferença, pelo que ao Ms. 8920 da BNL se refere: que os quatro sonetos são atribuídos a D. Manuel de Portugal, *nominatim*, ao passo que as elegias são apresentadas como de autor incerto.

Reparando bem no grupo dos sonetos e no grupo das elegias, não deixa de ser impressionante que os componentes de um e de outro grupo apareçam agrupados na edição de Álvares da Cunha, sensivelmente pela mesma ordem em que estão no Ms. 8920 da BNL. Não seria temerário supor a existência de uma fonte manuscrita comum, ou até mesmo a utilização deste manuscrito da BNL, por parte de Álvares da Cunha. As variantes verificadas entre a versão do Ms. e a da edição de 1668 são quase insignificantes. À parte um número muito reduzido (umas 10 ao todo, nas três elegias), quase todas são de natureza meramente ortográfica. Entretanto, os autores deste artigo são os primeiros a reconhecer que só um estudo meticoloso deste aspecto — assim como a verificação da não existência de outros manuscritos com versão igual à do nosso Cancioneiro — pode autorizar a extrair uma conclusão plausível. Esperamos vir a fazer isso num futuro próximo.

Constituindo grupo com as três elegias apresentadas atrás e precedendo-as a todas, existe no Ms. 8920 da BNL uma outra elegia subordinada à seguinte rubrica: «Ellegia duñ autor incerto» (fl. 7). O primeiro verso desta elegia é «Limiano de mar a llarga praia».

No *Índice do Padre Pedro Ribeiro* vem uma *égloga* cujo primeiro verso é sensivelmente igual — «Limiano do mar a longa» praia (sublinhado nosso) — e que no *Índice* se atribui a Diogo Bernardes. No seu estudo do *Índice* (e não do cancionero, como imprópriamente diz a autora), Carolina Michaelis dá esta *égloga* como inédita<sup>(19)</sup>. Cotejando a versão da *elegia* do Ms. da BNL com a *Égloga XIII* de *O Lima* de Diogo Bernardes<sup>(20)</sup>, verificámos tratar-se de uma variante, embora livre, como se pode ver na transcrição que vai no apêndice.

Fenómeno importante a notar, quanto a esta elegia, é que, numa colectânea em que o compilador atribui expressamente duas *églas*

(19) *O Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro* (Coimbra, 1924), p. 116.

(20) Diogo Bernardes, *Obras Completas*, vol. II (Lisboa, 1946), p. 92.

a Diogo Bernardes, como vimos no princípio, «Llimiano de mar a llarga praia» tenha sido apresentada como «Ellegia duñ autor incerto». Pelo que temos que convir em que a negação da autoria de Bernardes quanto a esta elegia não podia ser mais categórica. Isto leva-nos a pensar que os problemas levantados por Faria e Sousa quanto à autoria de alguns poemas impressos em 1594 e 1596 em nome de Bernardes, em três fartos volumes de poesia, continuam actuais e pendentos.

Nos fls. 394-398v do Ms. 8920 da BNL há uma elegia que merece um breve comentário. Essa elegia, cujo primeiro verso é «Belisa hñ só Amor desta Alma triste» está precedida da seguinte rubrica: «Elegia de francisco Dandrade».

Este poema foi incluído nas *Rimas Varias* de Luís de Camões por Faria e Sousa, em 1685. No *Cancioneiro Fernandes Tomás*, esta elegia é atribuída a Camões, mas no *Cancioneiro Luís Franco* está em nome de Francisco de Andrade, como no nosso cancionero. Este facto tem a sua importância, por quanto diminui a autoridade do *Cancioneiro Fernandes Tomás*. Carolina Michaelis de Vasconcellos discute este caso largamente no seu estudo sobre o *Cancioneiro Fernandes Tomás*, e aproveita da ocasião para dirigir um dos seus habituais e pérfidos ataques a Faria e Sousa, acusando-o de ter «camonizado» o texto antes de o publicar nas *Rimas Varias* (21).

Tendo cotejado a versão do Ms. 8920 da BNL com a versão do *Cancioneiro Fernandes Tomás*, do *Cancioneiro Luís Franco*, e de *Rimas Varias* (1685), verificámos que, como as versões dos outros dois cancioneros, tem também 80 tercetos e um quarteto (por *lapsus calami* do copista, faltam três versos na versão do *Cancioneiro Fernandes Tomás*), e constatámos que a versão do nosso Cancioneiro está mais próxima da versão do *Cancioneiro Luís Franco*, embora, também em relação a essa versão, tenha uma ou outra variante, pelo que numa edição desta elegia se deve ter em conta a versão do Ms. 8920 da BNL.

Nos fls. 318-319v do Ms. 8920 da BNL há uma outra elegia, *sem nome de autor*. Tem como rubrica: «Ao illustre snho da Sylva / Elegia», e como primeiro verso «Illustre e nobre Sylva desendido».

Esta elegia também foi incluída, em 1668, por Álvares da Cunha na *Terceira Parte das Rimas de Camões*, com a mesma rubrica com que aparece no nosso Cancioneiro, o que vem em apoio da nossa sus-

---

(21) *O Cancioneiro Fernandes Tomás* (Coimbra, 1922), pp. 73-80.

peita que este (ou outro manuscrito da mesma família) tenha servido de fonte a Álvares da Cunha.

Faria e Sousa não incluiu esta elegia na sua edição. Não figura nas edições modernas das líricas de Camões, provavelmente em virtude das palavras de Carolina Michaelis de Vasconcellos, quando declara que esta e outras elegias foram introduzidas por Álvares da Cunha: «...Apokriph, oder doch nicht mit Bestimmtheit kamonianische...» (22).

Não sabemos se até hoje alguém encontrou esta elegia atribuída a algum autor em particular. Como já foi dito, no Ms. 8920 da BNL está sem nome de autor.

No fl. 317v do Ms. 8920 encontram-se dois sonetos que, tendo sido atribuídos a Camões logo na 1.<sup>a</sup> edição da *Primeira Parte das Rimas de Camões* (1595), continuam a figurar em todas as edições modernas. Eis as rubricas e os primeiros versos dos sonetos:

- fl. 317v:       «Soneto do duque daveiro»  
                   Quẽ vec sñra claro y manifesto  
 fl. 317v:       «Outro soneto seu»  
                   Porq̃ quereis señra q̃ padeça

Posteriormente à compilação (a letra é diferente), alguém que leu o cancionero acrescentou à rubrica que precede o primeiro soneto estas palavras: «He de Luis de Camoens»; e à rubrica que precede o segundo: «Do mesmo Camoens». Correções de alguém que sabia que esses dois sonetos andavam nas Rimas de Camões desde a primeira edição.

Estes dois sonetos são atribuídos ao Duque de Aveiro — com as mesmas rubricas e pela mesma ordem com que estão no Ms. 8920 — no Códice Eborense CXIV/2-2, fl. 156v. Figuram também ambos em nome do Duque de Aveiro no *Cancioneiro Luís Franco*, fls. 43v e 123, respectivamente.

«Quẽ vec sñra claro y manifesto» está no *Índice do Padre Pedro Ribeiro* (23) em nome de Camões, e «Porq̃ quereis sñra que padeça» está em nome de Camões no *Cancioneiro Juromenha* (24).

(22) «Neues zum Buche der kamonischen Elegien», *Zeitschrift für romanische Philologie*, Tomo VII, pp. 494-530.

(23) Carolina Michaelis de Vasconcellos, *O Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro* (Coimbra, 1924), p. 72.

(24) Carolina Michaelis de Vasconcellos, «Mitteilungen aus Porgiesische Handschriften — I — Der Cancioneiro Juromenha», *Zeitschrift für romanische Philologie* (Leipzig, 1881), VIII, p. 441.

Os dados estão na mesa, Cabe aos camonistas fazer o jogo. Quanto a nós, propomos que sejam excluídos das Rimas de Camões.

Eu A.<sup>to</sup> P.<sup>ra</sup> de Foyos fidalgo da Casa de Sua Magestade juro pelo habito de Christo de que sou Comendador de não emprestar este livro pelo cazo que me succedeo com hũ am.<sup>o</sup> que mo pedio por vinte e quatro horas.

Em que teria consistido o «cazo» de que o compilador se queixa? Em ver que o amigo aproveitou a ocasião para copiar para si alguns poemas do manuscrito? Seria isso motivo para um juramento tão solene, da parte do compilador?

Fazemos estas perguntas e aventamos esta hipótese porque conhecemos dois outros manuscritos, aproximadamente da mesma época, que têm vários poemas em comum com o manuscrito 8920 da BNL. Poemas em comum, pela mesma ordem e com as mesmas rubricas. Ora para que isso tenha sucedido, temos de admitir que ou houve uma fonte comum para os três cancioneiros ou então um é fonte dos outros. Em virtude das palavras do compilador, tendemos a inclinar-nos para a segunda hipótese, e somos de opinião que o Ms. 8920 da BNL serviu de fonte para os outros dois manuscritos. Os manuscritos em questão são o chamado Cancioneiro de Madrid e o Códice Eborense CXIV/2-2, ou *Cancioneiro de Cortes e de Magnates*, como o intitulou Arthur Askins, ao publicá-lo.

Tendo em consideração o que dissemos ao princípio sobre a possível data de elaboração do presente manuscrito e a data proposta por García Soriano para o *Cancioneiro de Madrid* e por Arthur Askins para o Códice Eborense CXIV/2-2, podemos concluir, sem mais, que o Ms. 8920 da BNL é o mais antigo dos três.

Eis as palavras de García Soriano:

De todo ello inferimos que este códice debió de ser escrito después del año 1580 y antes del 1595, en que salió a luz la 1.<sup>a</sup> edición de las *Rimas* de Camoens; es decir, en el transcurso de aquellos tres lustros que siguieron a la pérdida de la nacionalidad portuguesa (25).

Arthur Askins, depois de ter indicado a data precisa em que certos poemas do Códice Eborense CXIV/2-2 foram escritos, conclui que o cancioneiro deve ter sido terminado entre 1608 e 1610:

Para fixar a época em que o códice foi formado podemos servir-nos de várias indicações fornecidas pelos assuntos das composições e por outros

---

(25) «Una Antología Hispanolusitana del Siglo XVI», *Boletín de la Real Academia Espanola*, vol. XII (1925), p. 362.

livros e MSS. Indicámos que grande parte dos textos que vêm no MS se relacionam com poetas e sucessos históricos do século XVI. Na última parte do MS, porém, há numerosas poesias que são da primeira parte do século XVII. Certas destas mostram claramente que os escribas estavam transcrevendo textos ainda nos anos 1607/1608, digamos 1608-1610 <sup>(26)</sup>.

A respeito de famílias de manuscritos, eis o que diz Arthur Askins na mesma obra:

Mas a indicação mais clara desta tendência de copiar textos em bloco de outros MSS aparece ao considerar os textos n.ºs 94-114, grupo que vem intercalado na colecção das poesias de D. Manuel de Portugal. Consta esta série de 17 composições aparentemente sem relação umas com as outras, mas encontrámos estes textos na mesma ordem e com as mesmas rubricas em outro cancionero da época. Vêm também no Ms. 12-26-8/D-199 da Academia de la Historia, Madrid, descrito por Justo García Soriano (JGS, pp. 360-375, 518-543), e que ele qualificou «del ultimo tercio del siglo XVI». Aparecem nesse cancionero nos fólhos 183v-194r. *A comparação das duas séries torna evidente que ambos foram copiados de outro manuscrito-fonte, hoje desconhecido* (sublinhado nosso) <sup>(27)</sup>.

Teremos nós encontrado na colectânea 8920 da BNL o «manuscrito-fonte» do Códice Eborense CXIV/2-2 e do códice 12-26-8/D-199 de la Academia de la Historia de Madrid? Cremos ser lícito supor que sim, em virtude de a tal série de composições, a que se refere Arthur Askins, se encontrar no Ms. 8920 da BNL «na mesma ordem e com as mesmas rubricas», como já foi dito anteriormente.

Mas, se não temos outras bases para provar que o Ms. 8920 da BNL é a possível fonte do códice 12-26-8/D-199 da Biblioteca de la Real Academia de Historia, de Madrid, temo-las para provar que é a possível fonte do códice eborense CXIV/2-2. Referimo-nos à longa série de poemas de D. Manuel de Portugal existentes nos dois manuscritos, assim como a outro número considerável de poemas nas mesmas condições.

Para maior clareza, vamos apresentar essa série de poemas comuns aos três manuscritos. Indica-se a rubrica que precede o poema, o primeiro verso e o fólho do respectivo cancionero. Diga-se, desde já, que não há na série, já quanto à ordem dos poemas, já quanto ao

---

<sup>(26)</sup> *Cancioneiro de Cortes e de Magnates...*, pág. 10.

<sup>(27)</sup> *Op. cit.*, pág. 10.

autor, qualquer discrepância entre os três manuscritos, salvo pequenas variantes puramente *ortográficas*. As rubricas e o primeiro verso são transcritos, em versão diplomática, do Ms. 8920 da BNL. Cada cancionero é representado pelas iniciais da biblioteca em que se encontra: BNL é o manuscrito n.º 8920 da Biblioteca Nacional de Lisboa; BRAH é o manuscrito n.º 12-26-8/D 199 da Biblioteca de la Real Academia de Historia, de Madrid; BPADE é o manuscrito n.º CXIV/2-2 da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora.

	BNL	BRAH	BPADE
1. Versos de D. Manuel de Portugal	111v	183v	119r
Los sêtibles spiritos q̄ somos			
2. garci sanchez de badajoz	112	184v	119v
Amor en razon consiente			
3. Garcilaso	112	185r	119v
quando en solitaria selva hunbrosa			
4. don joan de mendoça	112v	185v	120r
lhevando su fantasia			
5. Don pedro de guzman en nõbre ageno	112v	186v	120r
Suele la avezilha apresurarse			
6. El duque de sesa en nõbre ageno	113	186r	120v
A que venis tan dasiento			
7. Ausias marco	113	187r	120v
snã en cuyo pecho			
8. francisco de saa de miranda en nõbre ageno	113v	188r	121r
si puede mal el amor			
9. Boscan	113v	188v	121r
Bivia esta alma alegre contenplando			
10. El marques dastorga en nõbre ageno	114	189	121r
quiso el cielo engrandecerte			
11. Enrique dalmeida en nõbre ageno	114	190r	121v
Desq̄ una ves mire			
12. Sin nonbre	114v	190v	121v
Unos biven snrã en tu presencia			
13. El conde de Villanueua	114v	191r	121v
tristezas y disfavor			
14. Elrei don pedro de portugal en nõbre ageno	115	191v	121v
A do alharan holgança			
15. Don joan manuel	115	192v	122r
Sino poneis en olvido			
16. De un spirito sin nõbre	116	193v	122r
Si de clemencia asomase un dia			
17. El conde don frãcisco de portugal	116	194r	122r
Aver en tanta hermosura			

Como pode ver-se, trata-se de uma série de 17 poemas. Salvo pequenas variantes de carácter puramente ortográfico, a única discre-

pância existente é a ordem do quinto e sexto poemas no Ms. da BRAH. Enquanto nos outros dois manuscritos o quinto poema é o de D. Pedro de Gusmão e o sexto é o do Duque de Sesa, no Ms. da BRAH a ordem é inversa. Ou será que o responsável por essa inversão é Justo García Soriano? Infelizmente, não dispomos neste momento do manuscrito para poder verificar.

Diante deste facto, não parece haver motivos para se duvidar que o Ms. 8920 da BNL tenha sido fonte dos outros dois manuscritos ou que então houve uma fonte comum para todos eles.

Vamos agora apresentar a lista dos poemas comuns ao Ms. 8920 da BNL e ao Ms. CXIV/2-2 da BPADE.

Como se fez anteriormente, também aqui se fará a transcrição, segundo a versão do Ms. 8920 da BNL, da rubrica e do primeiro verso.

	BNL	BPADE
1. Carta / A elrei dō Sebastião noso snor Rei bemavêturado em quẽ parece	fl. 1r	fl. 167v
2. Soneto duũ autor incerto a elrei dom sebastião noso snor quãdo tomou o gouerno Tomai o reino ja rei glorioso	5v	172r
3. trova duũ autor incerto Los servicios recibidos	21r	140r
4. Soneto ã se fez em castela em dialogo / ao forte ã fizerão os castelhanos em / gelves o ano de 60 ã os turcos tomarão. quien eres tu ã ansi espantas sin verte?	21r	139v
5. trovas de nunalveres pereira quamdo / casou a primeira dona maria co principe dom Fellipe no ano de 1543 em ã parece que profetizou a morte do principe dō joaõ que deos tem Ya se te viene lhezando	21v	140r
6. do duque de sesa a este cantar velho e alheo quitaos alha desêgaños (mote) Afuera consejos vanos (glosa)	23r	140v
7. trovas de manoele pereira do Sem estãdo em arzila a huũ seu amigo que estava em Portugal em ã lhe dava novas de si e da terra Mãdasteme pedir novas	36r	142r
8. Esparça de dō aluaro dabranches sobre os versos de virgilio que começaõ tẽpus inane peto Huũ tẽpo sã mal nã bem	39r	143v
9. Soneto de dō manoele portugal A fermosura desta fresca serra	39v	124r
10. A morte do principe dō carlos de castela Naci de aguelo y padre sin segundo	42r	143v

	BNL	BPADE
11. De Jorge da silva a esta cãtiga pera ã me dan tormento pera ã me dan fatiga	42r	78v
12. Outro seu (de Dão Manuel de Portugal) Los ojos ã con blando movimiento	43v	122v e 179v
13. trovas ã seguem o intento e estilo das do comde do vimioso	59v	68v
14. trovas feitas a este quantar velho De pequena tomei amor tratame como enemiga	62r	144r
15. Outro seu (soneto de Jorge da Silva) Ordene lo ã quisiere la ventura	63r	145v
16. Soneto de dõ manoeil portugal A perfeição a graça o suave geito	105v	122v
17. Outro seu Los ojos ã cõ blando movimiento	105v	122v
18. Outro seu Sospechas ã en mi triste fantasia	106	122v
19. Outro seu No bastava que amor puro ardiente	106	122v
20. Outro seu De una escura nuvẽ eclipsado	106v	123r
21. Outro seu Tus palabras silicio amor dezia	106v	123r
22. Outro seu Apresura por verte el tardo vuelo	107	123r
23. Outro seu por mais ã o brando rio entre a espesura	107	223v
24. Outro seu Da fermosura ja tudo sogeito	107v	123v
25. outro seu Ayudame sñora a hazer vengança	107v	123v
26. Outro seu a huũ espelho Ainda ã o metal luzente e duro	108r	123v
27. Cantigua sua (de D. Manuel de Portugal) pues que pera mereceros Ansi os amo sin dubda	108r	124r
28. Outra sua a huã cadea de vidro ã se quebrou Tan estranha es la aficion Aunã en mi todo podeis	108v	125v
29. Vilance seu Em vão levantei os olhos	108v	125v
30. A este rifão alheo quẽ pudese ter seguro Por tão nova fermosura	109r	125v
31. Outro seu Em trasponiẽdo tus ojos La sombra tiniebla espanto	109r	125v

	BNL	BPADE
32. Outro seu quẽ novas me quiser dar pouco ofreço e muito quero	109v	126r
33. A huũns amigos seus q̃ se hiaõ cedo do terreiro do paço Dous dias não dous sinais tenhovos tâta amizade	110r	126r
34. motes seus a q̃ não responderaõ huãs snrãs porq̃ sospeitaraõ q̃ na entençaõ hiaõ feitos a outrem pois os valles respomdêdo se mostraõ de milhor comdiçaõ q̃ o povoado e vosas mer- çes se acertam no campo deixem as palla- vras a elle e tratem da emtemçaõ Snrã compitem em vos os dias  Outro por pasos sê esperãça  Outro quẽ desmerece servido  Outro O q̃ se quer em extremo	110v	126v
36. Outros motes seus noutro tempo duã partida heme taõ contrario o tempo	111r	126v
37. Versos seus De oriente nascido avias	111r	126v
38. Trovas feitas a este camtar velho Viene dulce muerte viene Al q̃ tiene de morir	138r	148v
39. A estoutro camtar velho Donde estan tus galhardias Di pastor quien te haa mudado	139r	149r
40. responde mucho va denfermo a sano	141r	150v
41. Villancete Jaa não quero de meu mal Mal q̃ espera melhoria	141v	150v
42. egloga de frãisco de saa de mirãda de muitos pastores e o primeiro q̃ falla he huũ chamado alleixo yo vengo como pasmado	145r	27v
43. trovas feitas aos genoeses a q̃ se elrei de castela levantose cos ganhos no ano de 1575 metidos en confusion	185v	151r
44. trovas do cõde de sortelha a luis da silveira estãdo na beira recolhido a simaõ de sousa do sem questava na corte No ajais por desatino	197r	152r

	BNL	BPADE
45. Versos de dō manoeel portugal a jer.º cortereal seu cunhado estãdo em almeiri Dexaste las hermanas y la fuente	237v	104r
46. egloga de dō manoeel de portugal NISIDO. FLORIDON. Purissima hermosura relumbroza	254r	91r
47. Egloga de frãcisco de saa de mirãda a antonio pereira De los nobles froaes	301v	38r
48. Soneto do doutor aires pinhel aa emtrada da primcesa El aguila inperial el dechado	317r	156r
49. Soneto Ay de quan ricas esperanças vengo	317r	156r
50. Soneto do duque daveiro quẽ vee snrã claro y manifesto	317v	156v
51. Outro soneto seu porã quereis snrã q̃ padeça	317v	156v
52. proverbios do cõde do vimioso o velho O bem se deve crer de todos	24r	71r
53. trovas duũ autor incerto Pide a tu juizio cuenta	126r	146r
54. Soneto feito a alibaxa geral da armada do turco q̃ desbaratou dom Joaõ daustria Selim, chi chiama io, tu, si chi soi l'alma	70r	160r

Setenta e um poemas em comum — estes 54 mais os 17 da série referida — não pode ser mera coincidência. Sobretudo quando se pensa que a maior parte desses poemas estão pela mesma ordem nos dois manuscritos, são atribuídos aos mesmos autores e têm as mesmas rubricas.

Entre os poemas comuns ao Ms. 8920 da BNL e ao Ms. CXIV/2-2 da BPADE, há quatro sonetos de que Askins não nos dá a versão completa, provávelmente por deficiência do manuscrito. Vamos preencher essas lacunas, transcrevendo a versão do Ms. 8920 da BNL ao lado da versão apresentada por Askins, na sua edição.

*Askins, fl. 123, n.º 121, p. 283*

Outro seu

Apresura por uerte el tardo buelo  
La aurora ěbuelta en sus colores  
uiendote despertar entre las flores  
Abril nueuo orizonte ue en el suelo

como nuuen cubria un branco uelo  
parte de tus diuinos resplandores  
(...)  
lo ã dexa imbidia pone al cielo

la uezina aurora recebias  
con tanta suauidad con tal blandura  
que ella de su camino se olidaua

si no sentias amor sentir lo azias  
que el cielo y la tierra de ti lo estaua  
de monte a monte lleno de hermozura

*Askins, fl. 123v, n.º 123, p. 284*

Outro seu

Da fermozura ya tudo sogeito  
em seu carro uos is triumphando  
a fama sobre as azas hía cantando  
liberdades rendidas a ese aspeito

uendo as rodas pasar sobre este peito  
do salto ã por my derão cortando  
o seguro sembrante não mudando  
de uer outrem per uos em tal estreito

esta era a condição esta a brandura  
ã de uos se apregoa esta era  
(...)

(...)  
ã noutra contra my fostes tam dura  
que podendo fizestes tanto mal

*Ms. 8920 do F. G. da BNL, fl. 107*

Outro seu

Apresura por verte el tardo buelo  
la aurora enbuelta en sus colores  
viendote despertar entre las flores  
abril nuevo orizonte ue en el suelo

Como nuuē cobria un blanco uelo  
parte de tus diuinos resplandores  
Lo que esconde abiuu los amores  
Lo que dexa enbidia pone al cielo

la uezina aurora recebias  
con tanta suauidad con tal brandura  
que elha de su camino se olidaua

sino sentias amor sentir lo hazias  
que el cielo y la tierra de ti estaua  
de monte a monte lheno de hermosura.

*Ms. 8920 do F. G. da BNL, fl. 107v*

Outro seu

Da fermosura ja tudo sogeito  
em seu carro uos hieis triumphando  
a fama sobre as azas hía cantando  
liberdades rendidas a ese aspeito

vêdo as rodas pasar sobre este peito  
do salto ã por mi deraõ cortando  
o seguro semblante não mudando  
de uer outrẽ por uos em tal estreito

Esta era a comdição esta a brandura  
que de uos se apregoa esta era  
a clemência deuina e natural

quem fara ã não soe em toda era  
que noutra contra mi fostes tam dura  
que podendo fizestes tanto mal.

*Askins, fl. 124, n.º 126, p. 286*

Outro seu

A fremozura desta fresca serra  
e a sombra dos uerdes castanheiros  
o manso caminhar destes ribeiros  
donde toda tristeza se desterra

o ronco son do mar a estranha terra  
o esconder do sol polos outeiros  
o rrecolher dos gados derradeiros  
das nuuëns polo ar abranda gerra

enfim tudo o ã arrara natureza  
con tanta uariedade nos offereçe  
me esta se não te uejo magoando

(...)

senti tudo manoj e me auorreçe  
nas mores alegrias mor tristeza

*Askins, fl. 139v, n.º 158, p. 336*

Soneto ã se fez em Castela em dialogo  
ao forte ã fizerão os castellanos en  
Galues o Ano de 60. ã os turcos toma-  
ram.

Quien heres tu ã ansi espantas sin uerte  
soy muchedumbre de arboles cortados  
sobre la flaca arena lleuantados  
impropiam.<sup>te</sup> soy llamado fuerte

qual fue el intento p.<sup>a</sup> hi azerte  
desculpa de otros yerros comencados  
pues quien quedara en ti R. los desdi-  
[chados

(...)

a ã fin cuestas. R. caro al Rej y a los ã  
[an muerto  
quien tan presto te alco del baxo suelo

*Ms. 8920 do F. G. da BNL*

Soneto de dô manoei portugal

A fermosura desta fresca serra  
e a sombra dos uerdes castanheiros  
o mãso caminhar destes ribeiros  
dõde toda tristeza se desterra

ho *rouco* soõ do mar A estranha terra  
ho escõder do sol pollos outeiros  
ho recolher dos gados derradeiros  
das nuuës polo ar a branda guerra

Emfim tudo ho ã a rara natureza  
cõ tanta variedade nos ofrece  
me esta (senão te vejo) magoãdo

Sem ti tudo manoja e mauorrece  
sem ti perpetuamête estou passando  
nas mores allegrias moor tristeza

*Ms. 8920 do F. G. da BNL*

Soneto ã se fez em castela em dialogo  
ao forte ã fizerão os castelhanos em  
gelues o ano de 60 ã os turcos to-  
marão

p. quien eres tu ã ansi espantas sin  
[verte  
r. soi muchedübre de arboles cortados  
sobre la flaca arena lleuantados  
ynpropriamente soy lhamado fuerte

p. qual fue el yntento pera *hay* hazerte  
r. desculpa de otros yerros comencados  
p. pues quien quedara en ti. r. *los* des-  
[dichados  
p. a que fin. r. a esperar prision o  
[muerte

p. quien te mandó esperar. r. tu lo  
[adevina  
p. que cuestas: r. caro al rey y a los ã  
[han muerto

(...)	p. quien tan presto te alço del baxo [suelo
el trabajo con hambre y sed continua quien te defendera R. no se por cierto	r. El trabajo con hanbre y sed continua p. quien te defendera: r. no se por [cierto
q̃ socorro ternas R. solo el del cielo.	p. que socoro ternas: r. solo el del cielo

Há no Ms. 8920 da BNL vários poemas aparentemente inéditos. Como alguns desses poemas têm uma certa relevância, já pelo seu valor intrínseco, já pelo autor, já pelo destinatário, já por mais de um destes elementos ao mesmo tempo, vamos transcrevê-los aqui.

Muitos são os aspectos sob que o Ms. 8920 da BNL pode ser estudado. Um deles é o que aí fica. Quanto a outros aspectos, espera poder fazer-se num futuro muito próximo.

Fl. 11

*Soneto ao nascimento delrei dō Sebastiaõ noso snor*

Depois dos tres irmaõs terẽ cortado  
 quãto fiaraõ em tpõ dos reis samtos  
 esperãças mortas e vivos prantos  
 doce esposo a Joana sepultado  
 por huũ filho divino foi trocado  
 as setas e coroa allegres camtos  
 nos tornaraõ tirar musas os mãtos  
 festejai ter de nos deos tal cuidados  
 Vivera muitos anos pois tem Gête  
 que sabe subir ao ceo e apagar  
 o fogo de ã o reino era abrasado  
 cousa ã a terra fez antigumẽte  
 quando o moço phaeton quis começar  
 a emtẽder no carro desejado.

Fl. 11

*outro ao dia ã (D. Sebastião) tomou o governo*

Alegre esta Sertorio tua terra  
 seus antigos spiritos levãtamdo  
 Spiritos ã o atlantico pasamdo  
 se fizeraõ temer em paz em guera  
 Triunfa seu rei da morte e não erra  
 se o presẽte e pasado estas olhamdo  
 Oje toma seu cetro publicamdo  
 os segredos ã em tẽra idade emcerra  
 Justiça tẽperãça fee e amor  
 lhe servẽ de cõtino por ã seja  
 moor ã augusto e severo e ã trajano  
 Claro sebastiaõ a ti deseja  
 o mũdo ja tribulado cõ temor  
 do Lutero e do barbaro africano

Fl. 11v

*Soneto duu autor incerto*

quando unora fortuna as dexado  
 de no pagar qualquier contentamiento  
 al reves y doblando el tormento  
 quando no mudaras dichoso estado  
 Si en esto ã aora me as mudado  
 lugar diera a la boz el mal ã siento  
 yo hablara de ti sin algun tiento  
 mas a callar dollor me haa forçado  
 Un alivio pensava ã tenia  
 despues de mil dolores ya sofrido  
 mas quando lo pense vi ã huya  
 Aqui me desfalecen los sentidos  
 en noche se me buelve el claro dia  
 lhamar puedo a mis males nũca oydos.

Fl. 35

*Soneto de Jorge da Silva a alma do Infãte dõ Luis que dõ tem depois de falecido*

Ditosos os spiritos q̃ na altura  
do cristalino ceo já descãados  
estais, não temeis adversos fados  
nẽ sêtis ver o bem quaõ pouco dura

Absortos na divina fermosura  
já se quietaraõ vos cuidados  
o spiritos bemavêturados  
que vos fartais naquella fõte pura

Avei meus amigos piedade  
naõ faça vosa gloria e allegria  
esqueçer nosa antigua amizade

Olhai o amor e a perfia  
q̃ tenho o desejo e saudade  
quãdo me verei em vosa cõpanhia.

Fl. 63

*Outro (soneto) de Jorge da Silva*

Em tudo busquei jaa cõtentamêto  
descamso repouso e quietaçãõ  
e achei mais do q̃ era rezaõ  
miseria e descõtentamêto

Em parte foi erro de emtêdimêto  
em outras cousas foi sobeja paixãõ  
em outras mal tomada afeição  
emfim tudo fabula foi vêtõ

Jaa agora sei como exprimêtado  
que sempre viverei em amargura  
quãto de vos meu deos for desterrado

O minha patria doce e segura  
o meu ultimo fim taõ desejado  
vos sois da minha alma total fartura.

Fl. 107

*Outro seu (Outro soneto de D. Manuel de Portugal)*

por mais q̃ o brando rio antre a espesura  
ora se deixe ver ora se escomda  
e nos valles femgidos que responda  
pareça ecco Apelles na pintura  
e por mais que toda criatura  
natureza aos olhos correspomda  
ou na terra esmaltada ou mar sem omda  
variando emcareça a fermosura

Das flores e verdura q̃ aparece  
por mais que a fertil copia o campo vista  
por mais que em ceo e terra verse ofrece  
e eu taõ lomgamête em velo emsista  
soo em vos imaginar a alma esperece  
em vosos olhos soos descamsa a vista.

Fl. 240

*Soneto do infante don luis aa musica*

Do numero nace a proporçaõ  
da proporçaõ segue a cõsonancia  
a consonãcia causa delleitaçaõ  
a nenhũ sentido apraz a disonãcia

Unidade igualdade e semelhãça  
saõ principios do cõtentamento  
em todos os sëtidos o exprimẽto  
a alma em unidade gloria alcança

Em todas cantidades a igualdade  
he a perfeiçaõ remota ou mais chegada  
segundo a natural authoridade

E asi estaa nas qualidades asentada  
da mesma maneira a semelhãça  
dinna de ser sentida e cõtemplada.

Fl. 240v

*Outro (soneto) doutro autor aa musica*

Las manos indomaveys q̃ ponian  
a los muros de troia gran espanto  
un viejo las domava por su canto  
quando las cuerdas sonoras mal heriaõ

los robles de su asiento se movian  
traydos por el son de dulce lhanto  
que orfeo esta haziendo y lhegan tanto  
q̃ con opaca sombra lo cubrian

El lacivo delphin oye la lira  
del mui noble amphion y se sugeta  
por gozar de su musica suave

De modo q̃ no ay cosa tan abgeta  
ni tan feroz q̃ no pierda la yra  
por gozar de una cosa tan perfeta.

Fl. 241

*Outro (soneto) em louvor da musica*

pues tu emtẽdimiento si es divino  
como lo es conoce tu grandeza  
su noble origen su naturaleza  
y veras mui claro q̃ del cielo vino

Antes mezclada con algun vervino  
de imperfección estava su pureza  
q̃ nuestro ingenio por su gran rudeza  
a la suprema cunbre no previno

Aora la veras si estas atiento  
tan dulce tan entera tan sabrosa  
tan grave tan ygal tan en su cuento  
tan en perfección q̃ diras cierto  
ser don divino con mano abundosa  
y ser fiel en dar su fruto y huerto.

## APÊNDICE

Fl. 7

*Ellegia duu autor incerto**(Ms. 8920 da BNL)*

Llimiano de mar a larga praia  
*emchia* semdo noite de *querellas*  
 semtado ao pee dũa alta faia

os olhos tinha postos nas *estrellas*  
 o pensamento em çelia tinha *posto*  
 como se a vira llaá estar antrellas

porç o branda çelia tomas *gosto*  
 escõderme (dezas) suspirando  
*teu* (sic) claros *olhos* e *teu alvo rosto*

*quieres* ã me cõsuma *desejando*  
*quieres que* por *quererte em* penas *viva*  
 de ti e de meu fado me *queixando*

naõ vees o *branda celia celia esquiva*  
*q naõ merece ser taõ mal tratada*  
*hua alma deses teus olhos cativa*

*Vives de meus cuidados descuidada*  
*coitado de que tem a duvidosa*  
*vida duũ fraco fio pemdurada*

*bem podes cõ rezaõ ser piadosa*  
*de quẽ naõ quer mais bẽ ã bem quererte*

*naõ seas taõ cruel como fermosa*

*deixa huã ora soo fartar de verte*  
*estes meus tristes olhos ã de tantas*  
*llagrimsaõ saõ banhados sã moverte*

*Se tu celia me ve(ê)ces se me emcãtas*  
*cõ tua doce falla e riso doce*  
*porq foges de mi de q te espãtas*

Diogo Bernardes, *Obras Completas*, II  
(Lisboa 1946), 92

LILIA.

E G L O G A XIII

PISCATÓRIA

Encheo do mar azul a branca praya  
 Meliso pescador, de mil *querellas*,  
 Meliso, que por Lilia arde, e desmaya.

Despois que a luz da Lua, e das *estrellas*,  
 Sobre dura fateixa ó barco *posto*,  
 As redes recolheo remos, e *vellas*.

Que *gosto*, ó Lilia (disse) ou que *desgosto*  
 Te move a me negar, vendo qual *ando*,  
 Teus olhos cor do Ceo, teu *alvo rosto*?

Se tu *quieres que* pene *desejando*,  
 Se *quieres que* no mar em fogo *viva*,  
 Ardendo sempre *estê*, sempre *penando*.

Mas olha Lilia branda, antes *esquiva*,  
 Que naõ merece ser taõ *maltratada*,  
 Hũ alma desses teus *olhos cativa*.

Vives dos meus *cuidados descuidada*,  
 Coitado de quem traz a *duvidosa*,  
 Vida em mar, e em terra *aventurada*.

Bem podes com *razão*, ser *piadosa*,  
 De quem naõ quer *mór bem*, que *bem*  
 [quererte,

Naõ seas taõ *cruel*, como *fermosa*.

Deixa hora, *ingrata* Lilia, deixa *ver-te*  
 A meus *cansados olhos*, que de *tantas*  
 Lágrimas saõ *movidos sem mover-te*.

Se tu Lilia me *vences*, se *m'encantas*  
 Com tua *doce falla*, e *doce riso*,  
 Porque foges de mim, de que *t'espantas*?

Lembre-te a *fermosura de Narciso*,  
 Que tal paga lhe deu seu *desamor*!  
 Olha, que com Amor isto *t'aviso*.

*Amor q de minha alma tomou pose  
me faz duu novo mal amdar temêdo  
pois q̄ seria jaá se jaá tal fose*

que vida sera vida naõ te vêdo  
amdar por esta praia llivremête  
de flores cõ tua vista do prado emchêdo

Ouvido o nome teu q̄ docemête  
soãdo vai pellos cõcavos mõtes  
usados a respõderme brãdamête

buscãdo frias sombras frescas fomtes  
omde do quente sol naõ simta pena  
omde o meu mal e tu teu bê me comtes

Ora turbarte veja ora serena  
piadosa emfim de tãtos danos  
quãto por teu amor amor me ordena

A fugitivos dias breves anos  
quẽ taõ allegremête vos pasase  
sẽ temer mais craros desêganos

Amtes q̄ o melhor tẽpo se nos pase  
fermosa celia graõ rezaõ seria  
q̄ vise tanto bem e o lograse

Sêdo isto asi quẽ naõ veria  
a tua fermosura ser cãtada  
em mais suave estilo noite e dia

A lira q̄ ategora costumada  
amdou a derramar meus tristes malles  
logo por ti sera mais estimada  
que todas as que soaõ nestes valles

Mas quando tua crueza tanta for,  
Que mereça do Ceo novo castigo,  
Qual erva será digna de tal flor?

Amor que me persegue, amor que sigo,  
Me faz d'um grave mal andar temendo,  
D'um mal q̄ sinto n'alma, e q̄ não digo.

Quanto mais lédo já t'estive vendo,  
Aqui as mansas ondas esperando  
Que por chegar a ti, vinhaõ correndo.

*(E a égloga de Bernardes  
prolonga-se ainda por mais  
115 versos).*

Como pode ver-se, a égloga do Ms. 8920 da BNL tem 40 versos e a égloga de *O Lima* de Diogo Bernardes tem 154. Dos 18 tercetos da égloga do Ms., só 10 são sensivelmente idênticos aos da égloga de Bernardes. Porém, essas aproximações são suficientes para se poder concluir que se trata de duas versões da mesma égloga.

---

Composto e impresso na «Imprensa de Coimbra, L.da»  
Largo de S. Salvador, 1 a 3 — COIMBRA